

## A tríade semiótica presente na fotografia urbana do documentário *Habita-me se em ti transito*<sup>1</sup>

Guilherme Rezende Landim<sup>2</sup>

**Resumo:** A proposta deste artigo é analisar, compreender e assimilar a concepção da fotografia fílmica de *Habita-me se em ti transito*<sup>3</sup> à tríade semiótica, através da análise dos aspectos imagéticos do documentário, principalmente àqueles referentes à estética do espaço urbano. Para tanto, utiliza-se como principal metodologia a Semiótica de Charles Sanders Peirce (1839-1914). A análise é feita a partir de frames do documentário *Habita-me se em ti transito*.

**Palavras-chave:** *Habita-me se em ti transito*; fotografia fílmica; análise semiótica.

**Abstract:** The purpose of this paper is to analyze, understand and assimilate the conception of film photography "*Habita-me se em ti transito*" the semiotic triad, by analyzing the pictorial aspects of the documentary, particularly those relating to urban space. For this purpose, it is used as the main theory, the Semiotics of Charles Sanders Peirce (1839-1914).

**Abstract:** *Habita-me se em ti transito*; photography cinematic; semiotic analysis.

### Introdução

*[...] produzir uma imagem participa de modos de ordenar, de mensurar, de formar as coisas do mundo [...]* (Fernando Fábio Fiorese Furtado)

O pensamento contido nas teorias de Charles Sanders Peirce é de suma importância para esta pesquisa no que refere-se à questão do pensamento humano, intrínseco à sua percepção do entorno, nos processos comunicacionais, que em suma, se dão através de imagens, principalmente na sociedade contemporânea onde segundo

---

1 Trabalho apresentado no GT 6- Culturas Urbanas, do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI.

2 Mestrando do PPGCOM da Universidade Federal de Juiz de Fora, linha de pesquisa "Estética, redes e tecnocultura". E-mail: guilhermerlandim@yahoo.com.br.

3 Link do filme completo no youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=bxrMKh1AZNU> O filme encontra-se em modo não-listado, pede-se que não repasse ou faça download do mesmo, pois encontra-se inscrito em festivais de cinema que pedem ineditismo. Obs.: Outras informações sobre o filme em: <http://www.habitame.com.br>

Serge Daney, 2007: “Nada mais acontece aos humanos, é com a imagem que tudo acontece”<sup>4</sup>.

Os processos comunicacionais se dão através da percepção imagética. A imagem contida na fotografia do documentário *Habita-me se em ti transito* pode ser classificada como secundidade, considerando-se o público que vai assisti-lo em telas de cinema em festivais diferente dos espectadores que viram na praça e diferente também dos espectadores que viram/verão através do processo locativo<sup>5</sup> (ainda em construção), o que pode ser considerado um signo existente, já que o processo audiovisual de percepção se dá apenas *in loco*, a proximidade do processo locativo chega a terceiridade, buscando se legitimar com signos mais genuínos que podem ser a arquitetura urbana, o fluxo diário de pessoas, intrínseco aos locais, os signos do espaço, em suma, o entorno.

Considera-se neste estudo o cinema como máquina eletromecânica de criação artística que produz linguagem, portanto, pode traduzir-se como um suporte de determinado processo comunicacional semiótico, sendo que, a amostra em análise é voltada para seu resultado imagético. Neste sentido, Metz afirma:

[...] qualquer estudo aplicado a esta ou àquela “linguagem” não-verbal, desde que adote uma pertinência definidamente semiológica e não se satisfaça com considerações de “substância”, traz uma contribuição, importante ou modesta, a este grande empreendimento que é o estudo geral das significações (METZ, 2012: p. 112).

Entende-se aqui o processo de análise fílmica com viés metodológico partindo da semiótica na tríade: processo criativo, produto final e processo perceptivo. Nesta pesquisa pretende-se perpassar brevemente por cada um dos mesmos, porém o foco se volta aos dois primeiros, acredita-se ser relevante desenvolver um texto separadamente para o processo de percepção, com outra metodologia de pesquisa,

---

4 Nossa tradução para: “Nothing happens any longer to humans; it is to the image that everything happens.” (Serge Daney).

5 Trechos do filme *Habita-me se em ti transito* serão dispostos através do youtube lidos por meio de QRcodes (Quick Response Code) nos locais onde o filme foi gravado. O usuário/espectador/interator, que porta um celular com internet wi-fi poderá ter acesso ao conteúdo audiovisual escaneando os QRcodes que direcionam ao filme no youtube. Cada um dos quatro locais onde o filme foi gravado terá em média 2 a 3 minutos de conteúdo.

também de base semiótica. Entende-se neste estudo o sentido de signo como a imagem a ser analisada, o objeto, seu correspondente à realidade e o interpretante, como uma possível compreensão precária do objeto. O objeto pode ser “qualquer coisa que um signo pode denotar, a que ele pode ser aplicado, desde uma ideia abstrata da ciência, uma situação vivida ou idealizada, um tipo de comportamento, um filme, até um sonho” (SANTAELLA, 1998: p. 41). Neste estudo o objeto refere-se à cidade enquanto sua imagem é seu signo.

A fotografia fílmica de *Habita-me se em ti transito* pode ser dividida entre os trechos de entrevistas e nas imagens de cobertura do espaço urbano, este artigo privilegia a análise do segundo. O espaço urbano retratado em *Habita-me se em ti transito* é feito através de recortes, espelhamentos de vitrines e também de outros reflexos da paisagem urbana. Estes são alguns dos principais conceitos trabalhados na concepção da fotografia fílmica. Trata-se da percepção da equipe documentarista sobre o espaço em questão, foram inicialmente formulados os conceitos e posteriormente trabalhados significativamente nos locais onde ocorriam as gravações, como forma de representação conceitual daquele espaço.

Os fragmentos de corpos da paisagem urbana são reflexos de pesquisas como a fotografia dos filmes *Shame* (Steve McQueen, 2012) e *Like someone in love* (Abbas kiarostami, 2012) e de fotógrafos como Andre Kertész, Andrew Davidhazy, Elena Kalis e outros que foram influência direta ou indiretamente.

A fotografia de *Habita-me*<sup>6</sup> é intrínseca aos locais onde foram filmadas as entrevistas, locais onde havia maior contingente de população em situação de rua (Praça Dr. João Penido ou Praça da Estação, Praça Presidente Antônio Carlos, Parque Halfeld e Praça Jarbas de Lery) em Juiz de Fora - MG. O objetivo deste texto é compreender a fotografia fílmica de *Habita-me se em ti transito* a partir do viés semiótico, tendo como hipótese a questão da indicialidade, principalmente em imagens que refiram-se diretamente a signos considerados marcantes nos locais abordados. Propõe-se neste texto pensar os aspectos imagéticos da fotografia fílmica sob o viés da análise semiótica, repensando a linguagem cinematográfica com base na tríade

---

<sup>6</sup> Utilizar-se-á *Habita-me* no decorrer do texto para referenciar-se ao nome completo do filme *Habita-me se em ti transito*.

semiótica perciana. Serão expostas no decorrer da análise mostras ao acaso de imagens do filme, como uma proposta de aprofundamento no texto de dissertação e também como meio de se debruçar sobre a concepção imagética de *Habita-me se em ti transito*.

**As etapas da criação de *Habita-me se em ti transito* e a relevância para o processo de elaboração da concepção imagética**

Um filme é sempre mais ou menos um esboço. Por que insistir nos detalhes? É inútil. Em outras palavras, seria preciso fazer o filme, olhá-lo, estudá-lo, criticá-lo e depois filmá-lo uma segunda vez. E uma vez refilmado, seria preciso revê-lo, reestudá-lo recriticá-lo, e refilmá-lo, uma terceira vez. É impossível. O filme é sempre um esboço, e de você deve tirar o máximo. Quando um filme acaba, uma experiência acaba, uma outra começa. (Roberto Rossellini)

O documentário *Habita-me se em ti transito* mesmo após estar com a montagem finalizada é revisitado frequentemente na pesquisa de dissertação, no processo locativo, onde atualmente desenvolve-se a decupagem para a posterior montagem (separadamente ao filme) e veiculação nos locais gravados.

Os conceitos propostos no nome do filme também encontram-se ligados à fotografia do mesmo, o que se faz presente no início do filme onde uma grafiteira escreve o nome *Habita-me se em ti transito* na Praça da Estação e assim um dos entrevistados passa pelo local com seu carrinho onde guarda os utensílios pessoais. Estes conceitos foram pensados em todas as etapas do processo criativo os quais são brevemente descritos abaixo:

***Pré-produção***

Considera-se esta etapa crucial ao projeto, neste momento foram feitas as pesquisas bibliográficas, filmográficas e de campo referentes à população em situação de rua. No que tange à fotografia, o principal ponto desta etapa refere-se às pesquisas filmográficas, as pesquisas partiram da análise de curtas e longas-metragens cuja temática fosse voltada ao tratamento audiovisual do tema da exclusão, com destaque para a população em situação de rua. Em complemento foi feito um levantamento de filmes em que se pensava no processo de construção dos conceitos da fotografia de *Habita-me se em ti transito*.

A pré-produção constituiu-se por pesquisas teóricas, pela escrita do projeto e sua submissão à Lei Murilo Mendes e também pelo contato, através entrevistas, com alguns dos principais órgãos de assistência à população em situação de rua de Juiz de Fora (Albergue, CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social, AMAC – Associação Municipal de Apoio Comunitário, INTECOOP - Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares, SAS - Secretaria de Assistência Social, Conselho Municipal de Segurança Alimentar, Conselho Municipal de Saúde entre outros que trabalham direta ou indiretamente com esta parcela marginalizada da sociedade).

### ***Produção***

O processo de produção e gravação do documentário *Habita-me* foi estrategicamente pensado para acontecer da forma mais discreta e espontânea possível: equipe pequena em campo, composta por Big Charles (Captação de som), Claudia Rangel<sup>7</sup> (Direção Geral, Produção), Guilherme Landim (Direção de Fotografia, Produção) e quantidade mínima de equipamento, para que estes não intervissem de forma brusca na proposta de abordagem.

O período de entrevistas com o grupo retratado durou cerca de 2 meses. Nesta etapa foram captadas em média 30 horas de material audiovisual. Acredita-se que tenha sido possível uma relação intimista entre a equipe documentarista e a população de rua, o que se reflete na forma como os entrevistados se comportam diante da câmera. Nesta etapa também foram feitas imagens de cobertura as quais são descritas e analisadas nesta pesquisa.

### ***Pós-produção***

A pós-produção foi a etapa de maior duração do projeto, devido ao extenso material e à complexidade de trabalhar uma coerência entre a proposta inicial e

---

<sup>7</sup> Graduanda em Comunicação Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: claudia\_esrangel@hotmail.com

o produto obtido nas gravações. Foi realizado um intenso trabalho de organização e decupagem, visando extrair falas preciosas em diálogo com os conceitos do argumento inicial (relação dos moradores com os espaços urbanos, vícios, prostituição, vínculos familiares fragilizados entre outros). Durante 10 meses de montagem foram feitos quinze cortes pelo montador (Tadeu Carneiro).

No mês de estreia do filme foram realizadas quatro exposições em praças da cidade, as três primeiras exposições ocorreram em praças onde o filme foi gravado, o único local gravado onde não teve exposição foi o Parque Halfeld, pois não houve permissão para o evento. (05 de Maio de 2014 – Praça Jarbas de Lery no Bairro São Mateus; 12 de Maio de 2014 – Praça Antônio Carlos; 19 de Maio – Praça Praça Doutor João Penido conhecida como Praça da Estação; 26 de Maio – Praça Padre Geraldo Pelzers no Bairro Santa Luzia).

### **O aspecto indicial da fotografia em diálogo com o espaço urbano**

*[A cidade] é a um só tempo objeto de natureza e sujeito de cultura: indivíduo e grupo; vivida e sonhada; a coisa humana por excelência. (Lévi-Strauss, 1999: p.116)*

A concepção da fotografia fílmica do documentário foi pensada a partir da relação da população de rua com o entorno ao qual habitam. Reflexos, recortes, chão<sup>8</sup>, pés, o movimento da urbe são alguns dos signos frequentes nas imagens do filme.

A concepção do documentário *Habita-me se em ti transito* surgiu em dezembro de 2011 por Cláudia Rangel e Guilherme Landim. O conceito do nome vincula-se ao fato da população em situação de rua habitar e transitar os espaços

---

<sup>8</sup> A pedra portuguesa, geralmente conhecida fora do Brasil como calçada portuguesa ou mosaico português é o nome de um determinado tipo de revestimento de piso utilizado especialmente na pavimentação de passeios, de espaços públicos, e espaços privados, de uma forma geral, muito utilizado em países lusófonos. A calçada portuguesa resulta do calcetamento com pedras de formato irregular, geralmente em calcário branco e negro. Esta forma de calçamento é um signo frequente no centro de Juiz de Fora-MG, local onde o filme foi gravado e desta forma priorizou-se demarcar este legi-signo, como algo frequente, uma regra observada nos espaços retratados.

urbanos. O filme foi financiado pela Lei Municipal de Incentivo à Cultura Murilo Mendes em 2012 e executado em 2013 e 2014.

*Habita-me em si transito* inicia-se com o depoimento de Marcos e em sequência a fotografia apresenta trechos com recortes de índices referentes ao legi-signo do filme, os padrões do conceito da fotografia que se repetem: os passantes; a pedra portuguesa; pessoas em situação de rua; recortes de reflexos de transeuntes em superfícies espelhadas; o fluxo dos carros. Na sequência João, um dos entrevistados passa em volta do texto com seu carrinho, João é um signo, não apenas sua imagem, mas também a pessoa física que se encontra todos os dias no mesmo banco da praça, assim como o texto do nome do filme, que tornou-se parte da paisagem, uma espécie de índice ou até mesmo pode-se afirmar que seja um símbolo, intrínseco ao local.

**Figura 1:** Abertura do filme legi-signo.



**Figura 2:** Abertura do filme legi-signo.



**Figura 3:** Graffiti com o nome do filme.



**Figura 4:** João, entrevistado, passa com o carrinho.



Outra característica marcante nos conceitos da fotografia fílmica refere-se à pedra portuguesa e ao chão da região central (Figuras 5 a 8), marcado por muitos passantes e até mesmo por um cotidiano que de certa forma quebra com o ritmo acelerado dos carros, expresso na montagem que é a figura 8 onde alguém tira a

bicicleta de uma superfície, sendo este caráter de cotidiano assimilado na fotografia do curta no decorrer das filmagens.



**Figura 5:** Transeuntes e pedra portuguesa.



**Figura 6:** Transeuntes e no calçamento Rua Halfeld.



**Figura 7:** Transeuntes e pedra portuguesa.



**Figura 8:** Transeunte.



**Figura 9:** Time Lapse Praça da Estação.



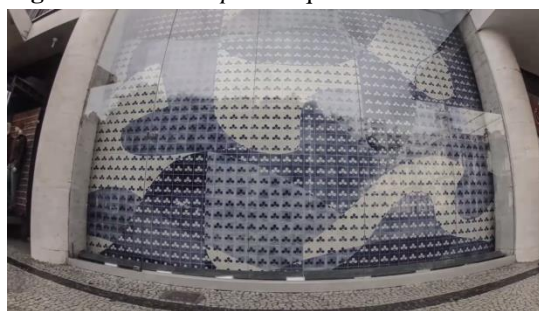
**Figura 10:** Time Lapse Praça Jarbas de Lery.



**Figura 11:** Time Lapse Praça Antônio Carlos.



**Figura 12:** Time Lapse Parque Halfeld.



Pensando numa forma de referenciação de cada local gravado, foram realizados *timelapses* (fotos sequenciais cadenciadas em formato de micro-vídeos) de

cada praça, sendo utilizada uma câmera grande angular que abrangesse grande parte dos espaços (Figuras 09 a 12)<sup>9</sup>. Esta escolha de conceito demonstra o caráter indicial na relação signo/objeto, o que ficará ainda mais evidente no material locativo, em desenvolvimento.

A arquitetura do entorno da Praça da Estação foi um dos aspectos estudados na concepção fotográfica (Figuras 13 a 16). Pensou-se em retratar as principais edificações do entorno, como símbolos marcantes da arquitetura, representada no filme pela torre da antiga Estação Ferroviária, pelo edifício da Companhia de Comércio, pelo Edifício Rio de Janeiro e outros do entorno.

**Figura 13:** Imagem angular da Praça da Estação.



**Figura 14:** Torre da Estação ao fundo.



**Figura 15:** Edificações da Pça. da Estação.



**Figura 16:** Edificações da Pça. da Estação.



<sup>9</sup> Os pontos de abordagem não restringem-se apenas às praças, mas também a suas mediações.

**A tríade semiótica na concepção fotográfica de *Habita-me se em ti*  
*transito*: a busca pela representação urbana**

É importante ressaltar que este texto trabalha com as seguintes concepções peirceanas:

**Relação signo/signo**

(Quali) – qualidade, indeterminado;

(Sin) – signo, existencial;

(Legi) – lei, padrão;

**Relação signo/objeto**

Ícone – gera significado;

Índice – relação existencial;

Símbolo – caracter convencional, regra, lei;

**Relação signo/Interpretante<sup>10</sup>**

Rema;

Dicente;

Argumento.

Ao criar os conceitos de signos imagéticos de representação da cidade por meio da fotografia fílmica de *Habita-me se em ti transito* a equipe documentarista, representada principalmente pelo trabalho da direção geral (Claudia Rangel) e direção de fotografia (Guilherme Landim) faz um recorte de sua percepção da paisagem urbana retratada, tendo como referencial suas pesquisas e mesmo suas experiências de campo além de referências pessoais. O documentário apresenta significamente o espaço urbano retratado, pode ser considerado o *representamen*, representando algo ou alguém, no

---

10 Obs.: A relação Signo/Interpretante não é o foco deste estudo, apenas alguns aspectos são tratados de forma breve.

caso, a cidade. Esta expressão audiovisual trabalha com o caráter existencial, entre signo e objeto, sua indicialidade, a qual se faz presente em toda a conceituação do filme, onde há a menor intervenção possível nas características da fotografia, não há grandes manipulações de finalização, como a correção de cor, buscando representar com maior fidelidade os locais abordados, como nas imagens abaixo (figuras 17 e 18).

**Figura 17:** Exemplo de correção de cor na fotografia



**Figura 18:** Exemplo de correção de cor na fotografia fílmica / anterior)



Charles Sanders Peirce denomina a tríade semiótica composta por signo/*sign*, objeto/*object* e interpretante/*interpretant* entre suas diversas definições de signo, afirma:

Eu defino um signo como alguma coisa que é tão determinada por outra coisa, chamada de objeto, e assim determina um efeito sobre uma pessoa, o efeito que eu chamo seu interpretante, onde o posterior é assim determinado pelo primeiro<sup>11</sup> (EP2, 478).

---

11 Nossa tradução para: “I define a sign as anything wich is so determined by something else, called its Object, and so determines an effect upon a person, wich effect I call its interpretant, that the later is thereby determined by the former” (EP2, 478).

Neste sentido, pode-se inferir que no caso da fotografia fílmica de *Habita-me se em ti transito* o signo pode ser a própria imagem da cidade (objeto), pensada conceitualmente pela equipe documentarista. Sendo a cidade e sua imagem como o signo, objeto tal como está representado ou o objeto em si mesmo.

O signo genuíno tem poder de representação, carrega uma lei de representação. O signo pode ser expressado neste caso como uma qualidade, ou mesmo um conjunto de qualidades da fotografia fílmica em análise, as propriedades que o compõem, cor, a forma, a profundidade de campo trabalhada, as estruturas abordadas.

O signo existente está inserido fisicamente em determinado objeto, (sin-signo). Pode-se tratar a fotografia de *Habita-me se em ti transito* como um signo que gera interpretantes, o fato de tratar da cidade, do espaço urbano refere-se aqui ao objeto, cidade, retratado em códigos como os passantes, o fluxo de carros, os reflexos de construções, o chão marcante em pedra portuguesa. Neste sentido o objeto imediato encontra-se inserido no signo, enquanto o dinâmico encontra-se externamente ao mesmo, determinando-o. O legi-signo funciona como uma lei, um poder de representação, os códigos da fotografia fílmica podem ser expressos como uma lei de representação.

Aos 16'10" vê-se o nome do filme grafitado no chão da Praça da Estação e transeuntes passando frente à câmera, em seguida há um corte para o plano de Bianca (entrevistada) sentada na mesma Praça (Fig. 19 e 20). O texto foi feito no chão meses após a entrevista, a montagem sugere ao espectador que o nome do filme já estivesse lá, de certa forma trata-se de um signo genuíno, está ali, marcado, o espectador que após ver o filme em Juiz de Fora e passar pelo local o indentifica, seja com o texto ou mesmo o entorno da praça, algo que não se dará da mesma forma com espectadores de outras cidades, que terão experiências colaterais diferentes, ou mesmo quem não conhece a praça mas reside em Juiz de Fora.

Na exibição do dia 14 de Maio de 2014 no Colégio de Aplicação João XXIII um dos adolescentes que assistia ao filme comentava diversas vezes referindo-se aos locais que conhecia, anunciando-os aos outros colegas “essa é a Praça da Estação”

(Anônimo, 2014), “aí é o Parque Halfeld” (Anônimo, 2014), de certa forma sua experiência perceptiva como espectador e transeunte dos locais se deu com foco para a representação de espaços da cidade, assim como outros espectadores que informalmente disseram buscar estes referenciais, não apenas nas imagens de cobertura, observando a cidade ressignificada através dos recortes feitos pela seleção da fotografia fílmica e da montagem. Neste sentido, cabe ressaltar a ideia de que “A cidade é representada no cinema pelo jogo incessante entre subjetividade de quem a povoa e a objetividade de sua presença física. É na objetividade do espaço que se exercem as possíveis subjetividades.” (NOVAES, 2004: p. 63). O signo “praças do centro da cidade de Juiz de Fora” como imagem pode ser considerado na relação signo/objeto como um signo indicial, que trabalha com a relação existencial da marca que encontra-se no chão retratada na imagem do filme.

**Figura 19:** - Nome do filme na Pça. da Estação.



**Figura 20:** Bianca sentada na Praça da Estação.



O cinema e sua linguagem que busca à “verossimilhança” contribui fortemente para a composição de uma experiência caleidoscópica do espectador com a cidade. O curta-metragem em análise apresenta a cidade recortada, como é observado nas figuras 21 a 26.

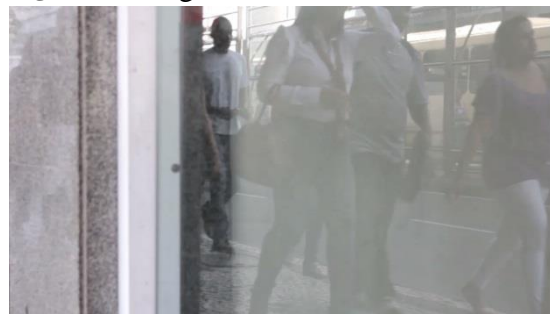
A experiência cotidiana de um indivíduo metropolitano é fragmentada, vivida aos cacos, assim como sua memória. Aliás, a experiência do indivíduo na metrópole está impregnada de memória. Fragmentos de histórias de vida, leituras, espetáculos, fotos, filmes etc. São inúmeros os “pontos de amarração”, [...] desses fragmentos que se entrelaçam formando um tipo de continuidade ou de comunicação transversal entre vários planos tecendo entre eles uma série de relações não localizáveis e que estão num tempo não cronológico (NOVAES, 2004: p. 63).

Os recortes de imagens de Habita-me sugerem ao espectador uma forma de ressignificação de fragmentos urbanos, estes não se limitam apenas aos espelhamentos e reflexos de vidros, mas ultrapassa os recortes da montagem e também da própria experiência da mente interpretadora, que faz sua leitura, fragmentando ainda mais uma narrativa já recortada (Fig. 21 a 26).

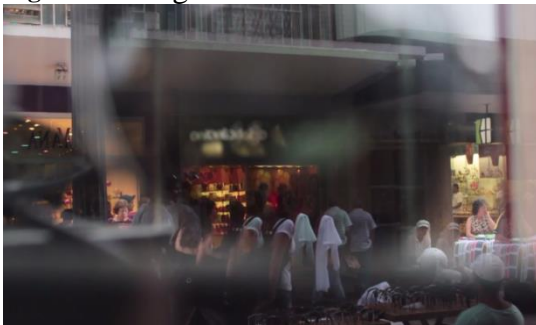
**Figura 21:** Fragmentos urbanos



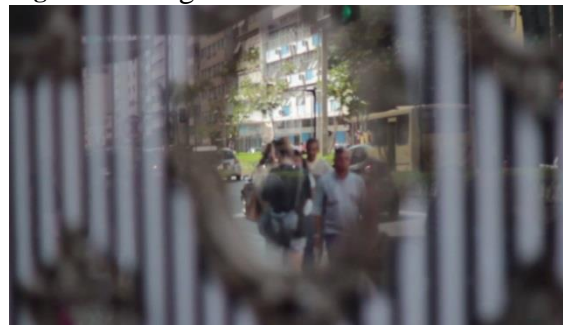
**Figura 22:** Fragmentos urbanos.



**Figura 23:** Fragmentos urbanos



**Figura 24:** Fragmentos urbanos.



**Figura 25:** Fragmentos urbanos



**Figura 26:** Fragmentos urbanos.



Outro aspecto relevante na fotografia fílmica do curta em análise refere-se ao conceito de transitar pela urbe, Luzia (Fig. 27 e 28) e Bianca (Fig. 29) caminham e levam a equipe documentarista até os locais onde frequentemente dormem. As outras imagens (Fig 30, 31 e 32) apresentam transeuntes passando por ruas centrais da cidade,

o que marca o caráter simbólico de algumas delas, principalmente o calçadão da Rua Halfeld, que trata-se do local de maior concentração de transeuntes no centro da cidade.

**Figura 27:** Plano fechado no carrinho de Luzia



**Figura 28:** Plano Geral de Luzia transitando pela rua.



**Figura 29:** Bianca caminhando.



**Figura 30:** transeuntes na Rua Halfeld.



**Figura 31:** transeuntes na Praça da Estação.



**Figura 32:** transeuntes na Rua Halfeld.



## Considerações finais

A significação/representação/referenciação através da fotografia fílmica é uma forma potencial de linguagem comunicacional que no caso de *Habita-me se em ti transito*, que através de sua indicialidade (secundidade) apresenta elementos intrínsecos



à paisagem urbana, seja através de recortes, fragmentos, desfoques ou mesmo da imagem em sua forma mais pura, buscando o mais genuíno.

A inserção cotidiana no mundo é permeada por todas as nossas experiências sensíveis, afetivas e pela nossa memória coletiva e individual. Assim, o cinema não só opera com as imagens construídas ao longo do tempo sobre o objeto que representa, mas cria novas, fazendo parte da composição que construímos e que orienta nossa maneira de ver e viver a cidade. (NOVAES, 2004: p. 64).

A amostra em análise foi representativa na medida em que a pesquisa empírica encontra-se em processo, pensando nas potencialidades e limitações das mídias locativas, sendo a fotografia fílmica crucial a este processo.

Com este estudo acredita-se ter sido possível notar o potencial do signo imagético de representação do espaço urbano através da fotografia fílmica, sendo seu aspecto indicial relevante ao estudo em desenvolvimento para a pesquisa de dissertação apresentada no PPGCOM-UFJF. A etapa de edição do processo locativo de dispor os conteúdos audiovisuais online nos espaços onde foram gravados, com as formas de expressão estudadas será de suma importância à esta etapa empírica do processo de estudo das potencialidades e limitações da mídia locativa.

O fato de “representar o objeto significa que o signo está apto a afetar” assim foi possível observar a fotografia urbana como signo indicial de referencialidade pensando na relação signo-objeto além de seu caráter de proximidade com o interpretante.

### Referências Bibliográficas

NOVAES, Sylvia Caiuby. **Escrituras da Imagem** – São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

METZ, Christian. **A significação no cinema** / Christian Metz : (tradução Jean Claude Bernadet). – São Paulo: Perspectiva, 2012.

PEIRCE, C.S. (1931–1935). *The collected papers of Charles S. Peirce*. Edição eletrônica reproduzindo Vols. I-VI [Ed. Hartshorne, C. & Weiss, P., Cambridge: Harvard University, 1931-1935], Vols. VII-VIII [Ed. Burks, A. W., Cambridge:

Harvard University, 1958]. Charlottesville, Intelelex Corporation. [Obra citada como CP, seguido pelo número do volume e número do parágrafo].

SANTAELLA, Lúcia. **A Percepção: uma teoria Semiótica**. São Paulo: Experimento, 2ª edição, 1998.